

VOCÊ QUER FAZER INTERCÂMBIO? O PAPEL DA UNIVERSIDADE NA MOTIVAÇÃO DO ACADÊMICO

DO YOU WANT TO DO AN EXCHANGE PROGRAM? THE ROLE OF THE UNIVERSITY IN MOTIVATING ACADEMICS

Jonathan Moreira dos Santos¹
Francieli Boaria²

RESUMO: Este artigo tem como principal objetivo analisar o papel da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE, como facilitadora na motivação do acadêmico em buscar o intercâmbio como parte de sua formação educacional, pessoal e profissional. Além disso, apresenta-se algumas formas para realizar um intercâmbio. São abordados pontos cruciais que contribuem para que o intercâmbio seja realizado de forma confortável e que agregue valor ao currículo do acadêmico. Utilizando uma abordagem qualitativa, foram obtidos resultados por meio de um questionário online respondido por acadêmicos e egressos que realizaram pelo menos um intercâmbio. Ao longo do artigo, os autores abordam questões culturais e pedagógicas, bem como as oportunidades de incentivo oferecidas pela UNIOESTE, e explora maneiras de obter recursos para realizar um intercâmbio que se adeque ao perfil de cada indivíduo. Os resultados indicam que a universidade não desempenha um papel de auxílio inerente aos acadêmicos e destacam as motivações e particularidades de programas de intercâmbio específicos.

Palavras-chave: intercâmbio; turismo; motivação; teoria da autodeterminação.

ABSTRACT: This article aims to analyze the role of State University of Western Paraná – UNIOESTE, as a facilitator in motivating students to pursue exchange programs as part of their educational, personal, and professional development. Additionally, it presents some ways to carry out a program exchange. Crucial points are addressed that contribute to making the exchange experience comfortable and valuable for students' resumes. Using a qualitative approach, results were obtained through an online questionnaire answered by students and graduates who have participated in at least one exchange program. Throughout the article, the authors refer to cultural and pedagogical aspects, as well as the incentive opportunities offered by UNIOESTE, and explores ways to obtain resources to undertake an exchange program that suits each personal profile. The results indicate that the university does not play an inherent support role for students and highlight the motivations and specificities of certain exchange programs.

Key Words: exchange; tourism; motivation; self-determination theory.

1. Introdução

O turismo é um fenômeno e conjunto de atividades que não se envolvem somente ao lazer e ao lúdico, como seria atribuído por senso comum (SOUZA, 2010). Sua interdisciplinaridade costuma deixar os indivíduos mais próximos de diversas áreas do conhecimento, como turismo cultural (FARIAS; SONAGLIO, 2013), turismo pedagógico, turismo de estudos e intercâmbio, que contemplam o escopo deste artigo.

¹ Discente de Turismo da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). E-mail: jonathan.person@gmail.com

² Doutoranda e Mestre pelo Programa de Doutorado em Turismo e Hotelaria (PPGTH) da Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Professora dos Cursos de Hotelaria e Turismo da UNIOESTE. E-mail: francieli.boaria@unioeste.br

O turismo de intercâmbio cultural engloba viagens com fins de aprendizagem prática por meio das aulas teóricas ensinadas em sala de aula, e surge como um método de estudo com o benefício de aumentar o conhecimento adquirido em razão de alinhar esses conhecimentos com o desenvolvimento pessoal e profissional do indivíduo (BRASIL, 2006), em outras palavras, elementos intrínsecos e extrínsecos que podem motivar o acadêmico a realizar um intercâmbio.

Nesse sentido, a Teoria da Autodeterminação tem sido debatida no campo da motivação, podendo ter um efeito no desempenho dos acadêmicos, pois, de acordo com Santos e Almeida (2008), os atributos motivacionais são importantes não só para a realização das tarefas, mas também para a qualidade da aprendizagem ao exigir dos estudantes autonomia na realização das atividades durante o período em que estão no ambiente acadêmico.

A realidade do mercado de trabalho atual da qual está cada vez mais exigente ao contratar profissionais de Turismo vem à tona quando se tem candidatos que possam compartilhar o mesmo conhecimento acadêmico, mas um deles tem a oferecer sua experiência prática de vivência em outra localidade, muitas vezes com idioma e cultura diferentes. Dessa forma, sabe-se que com a competitividade existente no mercado, as empresas estão buscando cada vez mais a contratação de profissionais qualificados. A formação profissional e vivências apreendidas são consideradas fundamentais para a empregabilidade, possibilitando a atuação nos mais diversos segmentos que o setor abrange (SANTOS *et al.*, 2014).

Nesse panorama, a universidade tem um papel fundamental em mostrar as possibilidades aos acadêmicos, onde estão inseridas as experiências extraclases, como intercâmbios nacionais e internacionais. A decisão de fazer um intercâmbio pode estar relacionada ao incentivo da universidade ou por interesse do próprio acadêmico, que busca por mais informações sobre como, onde e porque participar de um programa de intercâmbio.

Nessa perspectiva, tem-se como problema de pesquisa entender o papel da UNIOESTE nesse universo como facilitadora na motivação do acadêmico em buscar o intercâmbio. Dessa forma, o objetivo geral deste estudo é analisar o papel da UNIOESTE como facilitadora na motivação do acadêmico em buscar o intercâmbio como parte de sua formação educacional, pessoal e profissional. Para alcançá-lo, os seguintes objetivos específicos foram delineados: a) investigar se a UNIOESTE auxilia o acadêmico durante o processo de intercâmbio; b) identificar os benefícios ao realizar intercâmbio cultural; c) identificar os fatores motivacionais e/ou que possam vir a desmotivar sob a ótica do intercambista; e, d) investigar a quantidade e frequência de acadêmicos que realizam intercâmbio por meio de dados históricos da universidade.

A necessidade por aperfeiçoamento, exploração de culturas diferentes e aprendizagem de um ou vários idiomas, vivenciando outra cultura, é uma forma de estar inserido no contexto de um mundo globalizado. Pessoas internacionalizadas já tiveram contato com valores distintos, auxiliando na adaptação à diversidade, sendo eficazes no trabalho devido suas atitudes e comportamento, conseqüentemente, sendo profissionais preparados para concorrência e cooperação, visto que, as organizações almejam contratar profissionais diferenciados devido às constantes mudanças do mercado. Nessa linha, no momento de se candidatar a uma vaga de emprego, as experiências contidas no currículo exercem grande influência para a contratação, indo além da formação durante a graduação.

Assim, uma alternativa enriquecedora de aprendizagem é por meio do intercâmbio, pois o ato de viajar está diretamente conectado com uma série de motivações culturais, sociais e econômicas. As motivações relacionadas ao turismo vão desde descanso, integração social, comunicação, descobertas, ampliação de horizontes intelectuais, entre outras (DURAND, 2013), sendo o intercâmbio considerado uma atividade em expansão. Dados da UNESCO (2012) mostram que 2,7 milhões dos 100 milhões de estudantes do ensino superior estão matriculados em países que não são seus países originários e a previsão de crescimento é de que sejam pelo menos oito milhões de estudantes na situação de inserção internacional até 2025. Outro dado importante é que 365 mil estudantes brasileiros deixaram o país para estudar fora no ano de 2018, crescimento de 20,46% em relação ao ano de 2017. Em montante, este setor movimentou US \$1,2 bilhão nesse mesmo período (BELTA, 2019).

Além dos fatores citados, o tema justifica-se pelo fato dos autores desta pesquisa terem tido a experiência de realizar intercâmbio no exterior, assim tendo interesse em dissipar conhecimento em como o intercâmbio pode beneficiar a experiência enquanto acadêmico na graduação, em especial, no curso de turismo.

2 Fundamentação teórica

2.1 Turismo cultural, pedagógico e de intercâmbio

O Ministério do Turismo (2006) coloca os estudos e intercâmbio como um dos principais segmentos do nicho turístico no Brasil. Entre as diversas facetas e opções deste nicho, existem as viagens domésticas, sendo movimentações dentro de território nacional, e as viagens internacionais, que são realizadas de um país para outro (OMT, 2003). Nesse contexto, o segmento de intercâmbio, ou turismo de estudos, que pode ser realizado dentro do próprio país ou no exterior, proporciona a

integração cultural em que o viajante passa mais tempo no destino, e assim obtém maior contato e mais profundidade na relação com a cultura e os costumes locais, comparado a uma viagem a passeio apenas (GIARETTA, 2003). Diante dos diversos segmentos do turismo, o Quadro 1 explicita as definições dos três segmentos que apresentam similaridades e têm relação com esse estudo.

Quadro 1 – Turismo cultural, turismo pedagógico e turismo de intercâmbio/educacional

Turismo Cultural	O Turismo Cultural é uma atividade que proporciona o acesso ao patrimônio cultural de uma comunidade, ou seja, tudo aquilo que é criado pelo homem bem como seus usos e costumes, com o intuito de promover a preservação e conservação do patrimônio (MTUR, 2010). “Turismo cultural é um tipo de atividade turística em que a motivação essencial do visitante é aprender, descobrir, experimentar e consumir as atrações/produtos culturais tangíveis e intangíveis de um destino turístico” (UNWTO, 2017, p. 18).
Turismo Pedagógico	Turismo Pedagógico é o segmento que encara o turismo como maneira de aprendizagem estendida, ou seja, aprendizado fora da sala de aula e da teoria. Momento de aprender na prática novos métodos, de absorver conhecimento (GOMES; MOTA; PERINOTTO, 2012).
Turismo de Intercâmbio/Educacional	O turismo de intercâmbio constitui-se em uma movimentação turística gerada por “atividades e programas de aprendizagem e vivências para fins de qualificação, ampliação de conhecimento e de desenvolvimento pessoal e profissional” (MTUR, 2008, p. 15).

Fonte: Elaboração própria.

Nota-se que as três modalidades de turismo se encontram no sentido de aprendizagem. Pode-se imaginar em um cenário que tanto o Turismo de Intercâmbio quanto o Pedagógico, ambos se encontrariam no âmbito do Turismo Cultural, em que o visitante busca imersão em uma cultura distinta da sua e enquanto intercâmbio pedagógico em que o estudante visa aperfeiçoamento profissional e acadêmico em suas respectivas áreas de conhecimento e interesse. As modalidades não estão apenas conectadas ao tópico de aprendizagem na esfera profissionalizante, como também traz ao estudante muito conhecimento pessoal e crescimento a partir da vivência dentro de uma nova cultura, podendo citar a tolerância, conhecimento religioso e senso de empatia com o próximo a julgar que esse estudante esteja utilizando de seu tato crítico e sensível ao se desenvolver neste ambiente.

Segundo Pelizzer (2014), o turismo pedagógico está como centro de interesse e alternativa no processo da educação fora da sala de aula, de maneira informal, formatando um produto que inova a formação e o estudo do meio. A origem do turismo pedagógico está no “estudo do meio”, o qual é comentado por Pires (2002) como programas de viagem que seriam expressivamente preparados para serem usados como ferramentas de estudos e processo pedagógico pelos colégios e universidades.

A partir do estudo do meio o estudante experimenta na prática com menor resistência aquele conteúdo que lhe parecia tão distante e intransponível; algo que existia somente no interior dos livros e da sala de aula, se materializa enquanto vivencia tudo com exemplos concretos e palpáveis, durante o momento da viagem. Desse modo, o turismo pedagógico se enquadraria em viagens programadas

dentro do ano escolar como modalidade de alguma disciplina, por exemplo, viagens para visitas técnicas com intuito de trazer uma reflexão que componha a nota do semestre (BRASIL, 2019).

Quanto ao turismo educacional, O Ministério do Turismo (MTUR) o classifica como toda a movimentação de um indivíduo sendo por meio de programas de intercâmbios facilitados pelo governo e universidades ou por conta própria que seria por motivação de estudar um semestre em outro ambiente a fim de aperfeiçoar o idioma, trabalhar ou também com a possibilidade de viver com uma família ou trabalho voluntário, sendo normalmente no período de férias, em um semestre ou anos (BRASIL, 2019).

2.2 Bases teóricas

A Teoria da Autodeterminação (TDA) é um espaço orgânico-dialético proveniente da motivação que considera que as pessoas buscam novas experiências para extrair conhecimento, dominação e integração de espaços/ambientes. A TDA busca explicar que os seres humanos são motivados por diversos fatores, que resultam em distintas consequências (RYAN; DECI, 2000; DECI; RYAN, 2002). Dessa maneira, Deci e Ryan (1985) identificaram quatro tipos de motivação baseando-se na TDA: regulação intrínseca, regulação identificada, regulação introjetada e regulação externa. A regulação intrínseca é definida pelo sentimento de prazer e interesse que derivam diretamente da participação na atividade. A regulação identificada refere-se a um estilo autônomo que se caracteriza pela normalização da regulação como sendo útil para atingir os seus objetivos. A regulação introjetada, uma forma de motivação extrínseca, refere-se a se inserir numa atividade não por vontade própria, mas sim sentir que deve. Por último, a regulação externa refere-se a ações controladas por contingências como recompensas e punições que são externas aos indivíduos.

Os quatro tipos de motivação são aplicáveis ao turismo cultural. Pode-se citar como exemplo os viajantes que escolhem o turismo cultural pela clemência de prazer e interesse, são movidos pela regulação intrínseca. Os turistas com a motivação regulamentar introjetada sentem que devem envolver-se no turismo cultural não porque querem, mas sim pelo movimento de obrigação.

Com a comutação da motivação do envolvimento com o turismo cultural pôde-se ter diferentes consequências, como níveis diversos de contato cultural e envolvimento do visitante. Por exemplo, turistas com motivação regulatória intrínseca demonstram mais disposição para aprender de maneira mais profunda sobre essa nova cultura durante o período de viagem em comparação com turistas com motivação regulatória externa, indicando que o primeiro tipo de motivação pode gerar uma necessidade de um maior nível de contato cultural em contexto do turismo cultural.

Para este estudo, buscou-se por inspirações em diversas falas de múltiplos autores que reforçam a afirmação de que Turismo é um método de aprendizagem. Assim como afirma Giaretta (2003), quanto mais tempo um sujeito passa dentro de uma nova realidade, mais ele aprende com o entorno e os novos costumes de vivência que vem adquirindo ao longo deste período. Sendo assim, uma vez imposta a realização dessa viagem dentro de moldes acadêmicos com fins de adquirir experiência, se pode pensar nos métodos de intercâmbio educacional e pedagógico. O intercâmbio proporciona aos alunos novas oportunidades de descobrimento e desenvolvimento pessoal; essa amabilidade do estudante com a prática do conhecimento em movimento o torna uma pessoa mais desperta e atenta aos detalhes de cunho social e cultural (CONNELL; WELLBORN, 1991).

2.3 O estudante intercambista como consumidor turístico

Para concorrer no mercado turístico, as organizações dos setores público e privado devem saber quem são seus clientes e quais os seus desejos, ser capazes de comunicar a disponibilidade dos produtos e serviços turísticos aos potenciais clientes e convencê-los a se tornar clientes de fato, ou seja, estimular viajar até um destino ou atração que tenha sido trabalhado, ou a comprar produtos e serviços, como um pacote turístico, ou uma passagem aérea (OMT, 2003).

Sabe-se que a satisfação do cliente é um fator crítico para o sucesso dos negócios. No setor de agências de turismo de intercâmbio, a satisfação do estudante intercambista é um objetivo primordial e as organizações desse segmento trabalham para criar um ambiente favorável para alcançá-lo. Klenosky e Gitelson (1998) enfatizam a importância dos agentes de viagens no marketing de destinos turísticos. O conhecimento dos agentes sobre os destinos varia desde publicidade até a experiência como turista. A percepção e a avaliação desses destinos levam em consideração a experiência real, destacando-se os fatores naturais (clima), culturais e logísticos (serviços) como fundamentais. Desse modo, com embasamento de modelos apresentados neste estudo sobre estudantes intercambistas, explica métodos de escolha, demandas e iniciativas psicológicas de tomada de decisão pelos intercambistas estudantes a partir do turismo.

Além disso, o estudo do comportamento do consumidor da teoria de marketing é essencial para entender o setor do turismo de intercâmbio e descobrir as motivações dos clientes, de modo que se possa gerar uma conexão adequada com o público-alvo. Conhecer bem o cliente é fundamental para compreender suas necessidades e expectativas e, assim, gerar a sintonia necessária para oferecer um serviço de qualidade que atenda a essas demandas (FERREIRA NETO, 2009).

Segundo a teoria proposta por Kotler (2000), a demanda turística pode ser classificada de acordo com a relação do consumidor com a oferta turística em cinco tipos principais, sendo elas: real, reprimida ou suprimida, potencial, deferida e não demanda. Para satisfazer as necessidades do estudante intercambista, primeiro é necessário saber quem ele é, conhecer o seu perfil, o seu método de negociação e como atingir suas necessidades. Considerando que os mercados são formados por pessoas, "vários são os aspectos do extremo interesse dos profissionais de marketing na distribuição das faixas etárias e sua composição étnica, os níveis de instrução, os padrões domiciliares e os movimentos regionais" (KOTLER, 2000, p. 163).

O desafio enfrentado pelos profissionais de marketing é avaliar continuamente a satisfação do estudante intercambista, utilizando métodos adequados que ofereçam estímulos tanto diretos quanto indiretos, a fim de conseguir que o cliente indique o seu produto ou até mesmo fazer uma venda por indicação, por exemplo. Kotler (2000) afirma que a pesquisa destaca a composição etária e os níveis de escolaridade. Os clientes em potencial fornecem demanda e padrões diferentes de novas possibilidades de negócio, assim pode-se entrar com a proposta efetiva que será o cenário ideal para este consumidor.

O processo de tomada de decisão começa quando uma pessoa percebe que precisa ou quer um produto ou serviço. Levando em consideração também sua autonomia, desejos, seus objetivos nesse destino e informações que o próprio consumidor já adquiriu ao longo de sua pesquisa pessoal, fatores internos são motivação, percepção, personalidade e atitude e aprendizado. Os fatores externos são influências econômicas e culturais, grupos de referência e família (MESSA, 2011).

No setor turístico, os fatores que determinam a escolha do destino pelo público são compostos por recursos financeiros e disponibilidade de tempo (TADINI; MELQUIADES, 2010), bem como experiências anteriores (MOLINA, 2003). Molina (2003) destaca o conceito de pós-turismo, o qual explica que a compreensão do comportamento do consumidor transcende a racionalidade moderna.

2.4 Oportunidades de intercâmbio e fatores facilitadores

O intercâmbio pode ser uma etapa da vida que começa bastante cedo, ainda no ensino médio. Durante a formação, podem existir momentos dos quais o estudante será submetido a visitas técnicas a lugares distintos e uma dessas situações podem ser uma viagem. Porém, o intercâmbio é pouco citado por se tratar de um investimento pessoal ou de estudantes bastante engajados que possam se qualificar em algum programa, tanto nacionais quanto internacionais, como o programa da *United World College* (UWC), *Rotary Club* ou *AFS Intercultural Programs*, que são iniciativas públicas e

privadas que incentivam o intercâmbio jovem a fim de apresentar oportunidades de imersão cultural fora do contexto nacional, proporcionando uma vasta experiência de aprendizado prático, o tornando um aluno com capacidades de oferecer uma nova perspectiva e possíveis inovações no contexto profissional (CZARLINSKI, 2012).

O Educa Mais Brasil (2022), um programa brasileiro para ingressantes em universidades, sejam estes graduandos ou pós-graduandos, destaca que o aperfeiçoamento da língua do país escolhido, habilidades sociais e pessoais, construção de uma rede de contatos para futuros projetos são bons motivos para investir em um intercâmbio. O intercâmbio favorece a socialização de conhecimento teórico-prático, promove segurança aos estudantes, aumenta as relações afetivas e possibilita a diminuição dos *déficits* de conteúdos que possam ter sido gerados antes do intercâmbio, estimulando assim, o ensinar e aprender de uma forma prazerosa para qualificar os estudantes intercambistas (SOUZA *et al.*, 2007). Assim, conforme Calvo (2014), os estudantes encaram o intercâmbio como um rito de passagem da juventude para a idade adulta, por conseguir se adaptar e obter a capacidade de falar línguas estrangeiras.

A respeito do turismo de estudos e intercâmbio emissivo, que é quando estudantes brasileiros saem do seu país de residência e passam a viver por algum período em outro país, tem-se como exemplo o programa Ciência Sem Fronteiras, que expandiu e internacionalizou a ciência da tecnologia, a inovação e a competitividade brasileira por meio do intercâmbio e da mobilidade internacional (VASCONCELLOS, 2014). Esse programa contempla alunos de graduação e pós-graduação com bolsas a fim de que possam se manter no exterior, e, capta pesquisadores estrangeiros que desejam estabelecer parcerias com os pesquisadores brasileiros nas áreas priorizadas pelo programa ou/e possibilitar que recebam treinamento especializado no exterior (BRASIL, 2014).

Recentemente a UNESCO (2023) divulgou o relatório *Diversify with Data: Insights for Higher Ed Institutions*, que analisa a diversidade dos alunos internacionais estudando ao redor do mundo. Tal pesquisa apontou que pelo menos 88 mil estudantes em intercâmbio pelo mundo são oriundos do Brasil, ficando em décimo lugar no *ranking* de intercambistas, demonstrando o interesse em realizar esse tipo de atividade.

3 Metodologia

Este artigo utiliza abordagem qualitativa, do tipo exploratória e descritiva, por se propor a analisar o papel da UNIOESTE como facilitadora na motivação do acadêmico em buscar o intercâmbio como parte de sua formação educacional, pessoal e profissional. Segundo Gil (2002), as

pesquisas exploratórias têm a finalidade de abordar familiaridade com o problema com o intuito de o tornar mais claro e partir desse movimento, ter a possibilidade da criação de hipóteses, incluir levantamento bibliográfico e entrevistas.

A UNIOESTE é uma instituição de ensino superior (IES) pública e gratuita, a qual foi criada em 30 de dezembro de 1987, sendo uma universidade regional multicampi, formada por cinco campi, localizados nos municípios de Cascavel, Foz do Iguaçu, Francisco Beltrão, Marechal Cândido Rondon e Toledo, e, hoje, conta com 117 cursos. A fim de encontrar informações a respeito de parcerias sobre programas de intercâmbio, bem como obter algum documento sobre a quantidade de acadêmicos que realizam intercâmbio (objetivo d), tentou-se contato com a Assessoria de Relações Internacionais e Interinstitucionais (ARI) em Cascavel, à qual não disponibilizou qualquer dado oficial. Dessa forma, optou-se pelo envio do questionário online para grupos de mídias sociais da universidade, pessoas conhecidas, entre outros.

Para atingir ao objetivo proposto, a pesquisa teve como critério o envio do questionário do tipo *survey* aos acadêmicos e/ou egressos de qualquer curso e campi da UNIOESTE, que tivessem feito algum intercâmbio. O questionário foi composto por 24 questões, sendo 17 fechadas e 7 abertas, com o objetivo de analisar a UNIOESTE como facilitadora intercultural e extrair dados específicos, como as dificuldades, motivações e benefícios relacionados à realização de um programa de intercâmbio no contexto acadêmico e profissional.

Antes de disponibilizar o formulário para o público em geral, um *link* piloto foi aberto dentro do protocolo de ensaio, com a participação de quatro acadêmicos ex-intercambistas, a fim de realizar pré-testes e identificar possíveis melhorias. Com base nos retornos recebidos, foi estabelecida a versão final do formulário para a coleta de informações. Sua aplicação se deu de 8 a 29 de maio de 2023, utilizando a plataforma *Google Forms*, e obteve-se o total de 30 respostas, que constituem a amostra desta pesquisa. Na próxima seção são discutidas em detalhes as respostas obtidas com a apresentação dos resultados.

4 Análise dos resultados

4.1 Perfil do estudante intercambista

Inicialmente faz-se necessária a identificação do perfil dos respondentes. O questionário obteve uma amostra de 30 acadêmicos da UNIOESTE que responderam as questões acerca do intercâmbio que realizaram durante a graduação, mestrado ou doutorado, ou até mesmo após terminar o curso. Como critério, somente quem já fez intercâmbio poderia responder ao questionário. No

Quadro 2 encontram-se os dados dos respondentes do formulário, apresentando informações sobre os perfis analisados.

Quadro 2 - Análise do perfil

GÊNERO	IDADE QUE FEZ O INTERCÂMBIO	FASE ACADÊMICA	TEMPO DE PERMANÊNCIA	FOI REMUNERADO
Masculino (16)	17 a 20 anos (7)	1º ao 2º ano da faculdade (7)	2 anos (2 pessoas)	Sim (23)
Feminino (12)	21 a 24 anos (16)	3º ao 4º ano da faculdade (16)	1 ano (13 pessoas)	Não (7)
Não-binário (1)	25 a 28 anos (5)	Doutorado (1)	10 meses (1 pessoa)	-
Preferiu não dizer (1)	29 anos ou mais (2)	Ensino médio (3)	6 meses (3 pessoas)	-
-	-	-	8 meses (1 pessoa)	-
-	-	-	4 meses (6 pessoas)	-
-	-	-	1 mês (1 pessoa)	-

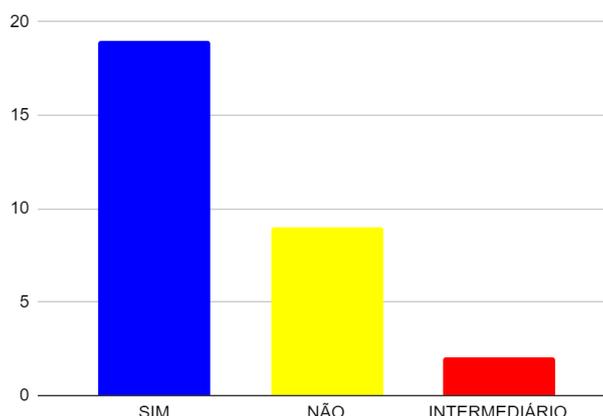
Fonte: Elaboração própria.

Pode-se observar a maior parte dos participantes da amostra da pesquisa é do sexo masculino, representando 53,3% do total, enquanto 40% são do sexo feminino. No que diz respeito à faixa etária, observa-se que a maioria, correspondendo a 53,3%, realizou o intercâmbio entre os 21 e 24 anos de idade. A menor porcentagem corresponde aos participantes com mais de 29 anos.

Em relação à fase acadêmica, constata-se que 53,3% dos estudantes estavam cursando o 3º e 4º ano da faculdade. Destaca-se também a presença três participantes que realizaram o intercâmbio quando estavam no ensino médio, e apenas um durante o doutorado. Em algumas questões, nem todos os participantes forneceram dados completos. Por exemplo, em relação ao "tempo de permanência", apenas 27 dos 30 respondentes informaram a duração de sua estadia no exterior. Entre aqueles que forneceram essa informação, observou-se que a maioria, representando 76,7% dos casos, permaneceu por um ano. É importante mencionar que, dos 30 casos analisados, 23 pessoas (76,7%) participaram de programas de intercâmbio remunerados.

Com relação à fluência no segundo idioma, observa-se no Gráfico que a maioria relata fluência.

Gráfico 1 - Fluência em segundo idioma

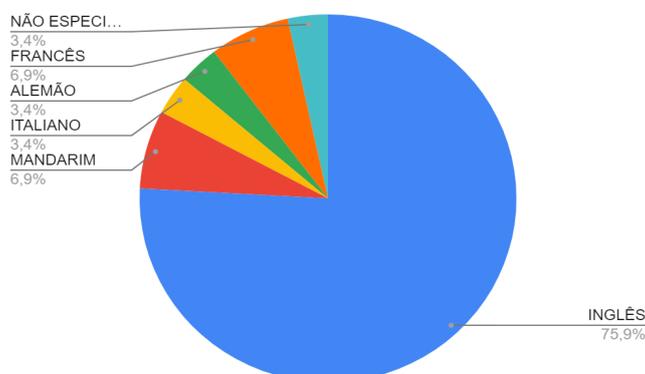


Fonte: Elaboração própria.

A primeira coluna, em cor azul, retrata os estudantes que já possuíam algum nível de proficiência em língua estrangeira. Verifica-se que a maioria, representando 63,3%, afirmou possuir fluência na língua, enquanto 30% indicaram não possuir fluência, e 6,6% se encontram em um nível intermediário, representando a minoria dentro dessa categoria.

Em seguida, o Gráfico 2 ilustra os idiomas falados nos países em que os estudantes realizaram o intercâmbio.

Gráfico 2 - Língua do país de referência



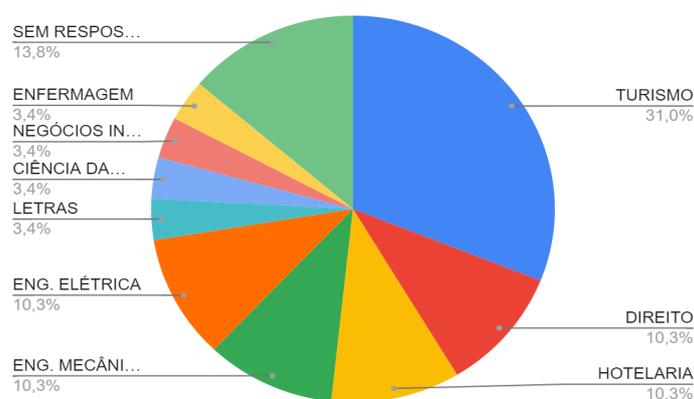
Fonte: Elaboração própria.

No que se refere aos idiomas falados, observa-se uma diversidade, embora o inglês seja predominantemente mencionado pela maior parte dos respondentes, representando 75,9% dos intercambistas. Em seguida, o mandarim e o francês surgem em conjunto, cada um representando 6,9%. O alemão e o italiano são mencionados por último, ambos com uma representação de 3,4%, assim como respostas não específicas. Esses dados evidenciam uma variedade de idiomas que despertam interesse entre os participantes.

Com relação à alguma exigência estabelecida para participar de um programa de intercâmbio, obteve-se 29 respostas dos 30 acadêmicos questionados. Entre as respostas, observou-se que para os

casos relacionados a Turismo e Hotelaria, foi exigido um vínculo com um desses cursos, totalizando 7 respondentes nessa condição. Um estudante relatou ter cursado áreas relacionadas a exatas, enquanto 6 declararam não ser necessário ter vínculo com cursos específicos. A maioria, representando 9 respostas, afirmou que foi exigido apenas um vínculo universitário para os intercâmbios com duração de quatro meses. Para descobrir quais são os cursos que despertam mais interesse em realizar o intercâmbio, o Gráfico 3 apresenta a frequência em relação ao programa de intercâmbio.

Gráfico 3 - Cursos



Fonte: Elaboração própria.

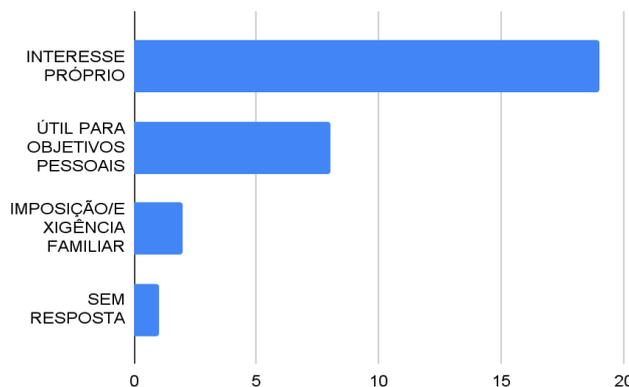
Nota-se uma demanda diversificada de cursos, independentemente da área profissional em que os acadêmicos estejam engajados. Um aspecto que merece destaque é o setor de Turismo, que recebeu um número significativo de respostas, representando a maior proporção, com 31%. Além disso, outras áreas como Hotelaria e Engenharia Elétrica também foram mencionadas por três participantes, cada uma correspondendo a 10,3% da amostra. Em menor escala, os cursos de Letras, Enfermagem, Ciência da Computação e Pós-graduação em Negócios Internacionais receberam 3,4% dos dados, demonstrando um interesse variado pelos estudantes.

4.2 Aspectos sociodemográficos

Após familiarizar-se com o perfil dos intercambistas participantes da pesquisa, é relevante compreender os elementos que influenciaram a decisão de embarcar nessa experiência, bem como as implicações e impactos para os intercambistas. Dito isso, torna-se essencial examinar os aspectos sociodemográficos envolvidos.

É possível notar que o intercâmbio é uma alternativa enriquecedora de aprendizagem, como mencionado por Durand (2013), pois viajar está diretamente conectado com uma série de motivações culturais, sociais e econômicas. O Gráfico 4 ilustra os principais motivos que levaram os estudantes a realizar o intercâmbio no exterior.

Gráfico 4 - Motivação



Fonte: Elaboração própria.

Os resultados mostraram que a motivação predominante para realizar um intercâmbio foi a vontade de adquirir novos aprendizados e conhecimento, representando 66,7% das respostas. Isso indica que a busca por experiências que expandem horizontes intelectuais e ofereçam descobertas pessoais é uma motivação relevante para estes indivíduos. Além disso, 25,9% dos participantes relataram que a motivação para realizar um intercâmbio no exterior estava relacionada à utilidade dessa experiência para atingir seus próprios interesses, sejam eles acadêmicos, profissionais ou pessoais. Por outro lado, 7,4% dos entrevistados mencionaram que realizaram o intercâmbio como uma exigência imposta por seus familiares. Esses resultados demonstram como a motivação intrínseca e o interesse pessoal são fatores determinantes para a escolha de realizar um intercâmbio cultural, alinhando-se com os princípios da Teoria da Autodeterminação e evidenciando a importância do contexto educacional e de aprendizagem no desenvolvimento do indivíduo.

Adicionalmente, é importante ressaltar que 100% dos respondentes afirmaram ter se sentido enriquecidos nos aspectos culturais, destacando a relevância do intercâmbio para a ampliação da compreensão e apreciação de diferentes culturas. Além disso, 85,7% dos participantes expressaram o desejo de participar novamente de algum programa de intercâmbio, o que evidencia o impacto positivo e a satisfação gerada por essa experiência enriquecedora. Esses números reforçam a importância do intercâmbio como uma ferramenta valiosa para o crescimento pessoal e a construção de conexões globais duradouras.

Por outro lado, embora existam programas de bolsa de estudo e intercâmbio no exterior oferecidos pelo governo brasileiro, como o Programa Ciência sem Fronteiras, é interessante observar que, de acordo com a pesquisa, 27 dos 30 participantes, relataram não ter realizado seu programa de intercâmbio através de um programa do governo federal ou estadual. Na maioria das respostas coletadas, acadêmicos e egressos, ao invés de passarem pelos processos seletivos de programas de intercâmbio oferecidos pelo governo, precisaram ou optaram por financiar suas experiências de intercâmbio por conta própria. Isso pode ser atribuído a uma série de fatores, como a busca por maior liberdade de escolha de destino e instituição, a flexibilidade de datas e o desejo de assumir um papel mais ativo no planejamento e na organização de suas experiências no exterior, ou ainda, um número insuficiente de bolsas distribuídas. Essa combinação de motivação pessoal com os benefícios culturais e a vontade de repetir a experiência demonstram que o intercâmbio transcende a mera questão financeira e se torna uma oportunidade única de crescimento e desenvolvimento pessoal.

Embasando-se nas respostas em relação à pergunta sobre a experiência de enfrentar dificuldades para realizar um programa de intercâmbio, observou-se uma diversidade de respostas. Alguns participantes relataram não ter enfrentado nenhuma dificuldade, enquanto outros mencionaram questões financeiras, burocracia, falta de informações e barreira de idioma como desafios encontrados.

Além disso, foi mencionado o medo das responsabilidades e da adaptação a uma nova cultura, assim como a preocupação com o retorno e a necessidade de colocar as tarefas acadêmicas em dia. Alguns participantes destacaram o apoio financeiro e emocional recebido de suas famílias, enquanto outros enfatizaram a importância de ter condições financeiras para realizar o intercâmbio. Em resumo, as respostas mostram que, embora alguns participantes tenham enfrentado dificuldades específicas, a maioria teve uma experiência mais tranquila e enriquecedora durante o programa de intercâmbio.

4.3 Aspectos profissionais

Assim como menciona Dalmolin *et al.* (2013), o intercâmbio caracteriza-se por ser uma experiência enriquecedora e transformadora para milhares de estudantes universitários ao redor do mundo. No entanto, para além das vantagens acadêmicas e culturais, é fundamental reconhecer a relevância dos aspectos profissionais que envolvem essa experiência internacional. Baseado na pesquisa descrita, os resultados revelaram que 75% dos estudantes que participaram do levantamento realizaram um programa de intercâmbio remunerado. Além disso, uma parcela significativa de 92% dos estudantes que fizeram intercâmbio, relatou que essa experiência agregou um valor significativo à sua bagagem profissional ao retornarem ao país de origem.

Além disso, outro dado importante nesta pesquisa é que 78,6% dos alunos participantes revelaram que suas relações com o curso de graduação aumentaram significativamente após a experiência. Esses números expressivos refletem a influência positiva que o intercâmbio pode exercer sobre o envolvimento dos estudantes com seu programa acadêmico.

Com relação ao à melhoria em sua base salarial e posição no mercado de trabalho ao retornar ao país do qual reside, dos 30 respondentes, 56,7% (17) do total afirmaram que houve um aumento em sua base salarial. Além disso, eles relataram uma melhora em sua posição no mercado de trabalho em comparação com sua situação anterior à realização do programa de intercâmbio, enquanto 13 relatam que não houve diferença em relação ao salário ou posição de mercado.

De acordo com Avena (2016), o ato de viajar é amplamente reconhecido como um "rito de passagem" capaz de enriquecer a educação dos jovens por meio de experiências ao redor do mundo. Essa perspectiva se alinha com os resultados colhidos no questionário, onde 26 participantes afirmaram considerar importante realizar um intercâmbio para a formação acadêmica. Essa percepção reforça a ideia de que conhecer diferentes países, culturas e pessoas contribui significativamente para o processo de autoformação, transformação e autoconhecimento. No entanto, dois participantes da pesquisa expressaram opiniões divergentes, afirmando que o enriquecimento pessoal proporcionado pelo intercâmbio é muito mais valioso do que o enriquecimento profissional, destacando os 6,7% como “pessoal em maior destaque que profissional”. Essas perspectivas individuais, embora possam não ser universalmente válidas para a formação acadêmica, destacam a complexidade e as diversas possibilidades de experiências proporcionadas por meio das viagens.

4.4 Contexto da universidade

A falta de dados documentados sobre a participação de acadêmicos em programas de intercâmbio, sejam eles remunerados ou não, foi identificada na UNIOESTE. Apesar das tentativas realizadas para coletar essas informações, tanto no campus de Foz do Iguaçu, quanto no ARI em Cascavel, constatou-se que não há registros disponíveis sobre o número de estudantes que realizaram intercâmbio. Essa lacuna evidencia a ausência de um sistema de documentação eficiente para rastrear e registrar tais atividades na universidade.

Na presente amostra, a relação entre os estudantes e a universidade foi abordada como principal objetivo de investigação, visando analisar o incentivo proporcionado pela UNIOESTE aos acadêmicos que já participaram de programas de intercâmbio. Os resultados revelaram uma tendência negativa em relação à interação entre os discentes e a instituição. Dos 30 participantes do estudo, 20 respostas (representando 73,1% dos estudantes) indicaram a ausência de qualquer forma de incentivo

por parte da universidade. Em contraste, apenas 8 respostas (26,9%) mencionaram algum tipo de incentivo oferecido pela instituição. Além disso, duas respostas foram nulas. Essas constatações destacam a necessidade de aprimorar a interação entre os estudantes e a universidade, proporcionando um ambiente mais estimulante e de apoio para os participantes de programas de intercâmbio.

Chama a atenção para a baixa proporção de acadêmicos que afirmaram ter conhecimento sobre a oferta de programas de intercâmbio pela UNIOESTE. Dentro do grupo de 30 participantes, apenas 3 deles relataram ter constatado a existência de oportunidades de intercâmbio durante seus anos de estudo na instituição. Esses acadêmicos específicos foram matriculados nos anos de 2018 e 2019. Ainda, mais da metade dos 30 respondentes, representando 92,6% da amostra, afirmou não ter conhecimento da existência dessas oportunidades. Essa falta de percepção por parte dos estudantes pode ser atribuída à falta de divulgação adequada por parte da universidade.

Levando em consideração a parcela dos acadêmicos que assinalou desconhecer a divulgação de intercâmbios por parte da universidade, algumas sugestões podem ser exploradas, expostas no Quadro 3.

Quadro 3 – Sugestões e perspectivas dos acadêmicos e egressos

Informação e busca ativa	Os estudantes devem buscar informações sobre os programas de extensão cultural e demonstrar interesse em participar.
Divulgação e orientação	A universidade deve fazer um esforço para divulgar a existência desses programas, oferecer orientação aos alunos e incentivar sua participação.
Contato com palestrantes e intercambistas	Promover o contato dos estudantes com palestrantes e pessoas que já participaram de intercâmbios pode despertar seu interesse em programas de extensão cultural.
Vínculos com universidades estrangeiras	Estabelecer parcerias e vínculos com universidades do exterior pode despertar a curiosidade dos estudantes em participar de programas de intercâmbio cultural.
Inclusão em eventos acadêmicos	Incluir debates e explicar sobre os programas de extensão cultural em eventos acadêmicos pode despertar o interesse dos estudantes.
Divulgação de programas e benefícios	Realizar uma divulgação efetiva dos programas de extensão cultural e seus benefícios pode despertar o interesse dos estudantes em participar.
Eventos dentro do curso	Promover eventos relacionados aos programas de extensão cultural dentro do curso pode despertar o interesse dos estudantes.
Feiras e semanas acadêmicas	Realizar feiras e semanas acadêmicas com o tema de intercâmbio e programas de extensão cultural pode despertar a curiosidade dos estudantes.
Contato com professores	Estabelecer um contato próximo com os professores pode incentivar os estudantes a participarem de programas de extensão cultural.

Apresentação dos programas	Realizar apresentações específicas sobre os programas de extensão cultural pode despertar o interesse dos estudantes.
Apoio institucional	A universidade deve fornecer apoio e incentivo para que os estudantes participem de programas de extensão cultural.

Fonte: Elaboração própria.

No entanto, algumas respostas indicam que atualmente não há atividades ou esforços nesse sentido na UNIOESTE. Portanto, é importante considerar essas sugestões e implementar estratégias que despertem a curiosidade dos estudantes para participar de programas de extensão cultural, incentivando seu engajamento e ampliando as experiências dos acadêmicos.

Com base nas respostas obtidas com relação à pergunta sobre por que a universidade deve ou deveria oferecer ou incentivar o intercâmbio cultural de acordo com a ótica do curso dos participantes, pode-se identificar algumas considerações recorrentes. Muitos participantes destacaram que o intercâmbio cultural proporciona um conhecimento mais aprofundado na dinâmica do setor e habilidades interculturais relevantes para suas profissões específicas. Além disso, eles mencionaram os benefícios do *networking*, aprimoramento do domínio do idioma estrangeiro e a oportunidade de aprendizado prático fora das salas de aula. Houve também menções à importância de ampliar a bagagem cultural, abrir a mente e explorar novas áreas de atuação, além de promover o crescimento profissional e pessoal. Alguns participantes expressaram a necessidade de tornar os intercâmbios mais acessíveis em termos financeiros. Contudo, também houveram algumas respostas que indicaram que o intercâmbio cultural não era considerado relevante para o curso em questão. Em resumo, as respostas evidenciam a valorização do intercâmbio cultural como uma oportunidade enriquecedora e benéfica para o desenvolvimento acadêmico e profissional, embora haja algumas perspectivas divergentes.

5 Conclusão

O presente estudo teve como propósito explorar diferentes perspectivas e oportunidades relacionadas à participação em programas de intercâmbio, abrangendo aspectos acadêmicos/pedagógicos e culturais. Utilizando um questionário aplicado aos acadêmicos e egressos intercambistas da UNIOESTE, foram coletados relatos de suas experiências, revelando a ausência de registros documentados sobre egressos que participaram de intercâmbios. Além disso, foram realizadas consultas à secretaria acadêmica do campus em Foz do Iguaçu ao setor de Assessoria de Relações Internacionais e Interinstitucionais (ARI) em Cascavel, identificando a falta de mobilidade

e suporte por parte da universidade, e indicando a ausência de dados documentais e auxílio para a participação dos estudantes em programas de intercâmbio.

Adicionalmente, foi investigado como melhorar o incentivo aos programas de intercâmbio dentro da universidade, buscando enriquecer o conhecimento e aprimorar a formação profissional dos estudantes. Os resultados da pesquisa indicaram que os acadêmicos e egressos expressaram o desejo de ter acesso a palestras, rodas de conversa, bem como receber incentivos por parte dos professores, coordenação e da universidade. Para os futuros profissionais, é fundamental que eles tenham a oportunidade de vivenciar outras culturas, idiomas e métodos de aprendizagem, além de compartilhar experiências com estudantes intercambistas de outros países que possam estar no mesmo local. Essas experiências proporcionam oportunidades de inserção no mercado de trabalho, enriquecendo o currículo e capacitando os profissionais em formação.

Com base nos resultados desta pesquisa, conclui-se que a UNIOESTE carece de uma estrutura de incentivo adequada para os possíveis intercambistas. A instituição não possui um ambiente propício para o desenvolvimento de programas de intercâmbio e atividades correlatas, deixando estimular potenciais vivências e experiências pessoais e profissionais aos seus acadêmicos. Ademais, fica como sugestão para a UNIOESTE trazer como um de seus tópicos o incentivo desses acadêmicos em buscar esse conhecimento como um aprimoramento de suas habilidades adquiridas em sala de aula.

A teoria da autodeterminação oferece uma lente valiosa para compreender a importância do incentivo e apoio no contexto dos programas de intercâmbio. Segundo essa teoria, as pessoas possuem necessidades psicológicas inerentes de autonomia, competência e relacionamento, que quando satisfeitas, promovem a motivação intrínseca e o engajamento nas atividades. Nesse sentido, a falta de suporte e incentivo por parte da UNIOESTE para os programas de intercâmbio pode prejudicar a autonomia e a competência dos acadêmicos, afetando sua motivação e interesse em participar dessas oportunidades enriquecedoras. Portanto, é fundamental que a universidade reconheça e atenda às necessidades psicológicas dos estudantes, oferecendo um ambiente propício para o desenvolvimento desses programas e fornecendo incentivos que promovam a autonomia, a competência e o relacionamento dos intercambistas. Dessa forma, a UNIOESTE poderá fortalecer a autodeterminação dos seus acadêmicos, possibilitando que eles busquem o conhecimento e as experiências internacionais como um valioso aprimoramento de suas habilidades adquiridas em sala de aula.

Como sugestão de futuras pesquisas, pode-se buscar compreender as diferenças de oportunidades ofertadas entre IES de âmbitos federal e estadual, bem como aumentar o número da amostra.

REFERÊNCIAS

- Associação Brasileira de Agências de Intercâmbio – BELTA. Setor de intercâmbio fecha 2019 com 12% no aumento do faturamento. 2020. Disponível em: <https://www.belta.org.br/setor-de-intercambio-fecha-2019-com-12-no-aumento-do-faturamento/>
- CALVO CAPILLA, M. C.; RIDD, M. A tradução como atividade contrastiva e de conscientização na aprendizagem de línguas próximas. *Horizontes de Linguística Aplicada*. Brasília, v. 8, n. 2, 2009.
- CONNELL, J. P.; WELLBORN, J. G. Competence, autonomy, and relatedness: A motivational analysis of self-system processes. In M. R. Gunnar & L. A. Sroufe (Eds.), *Self processes and development* (pp. 43–77). Lawrence Erlbaum Associates, Inc. 1991.
- CZARLINSKI, L. V. S. O Valor da viagem para o jovem que realiza o intercâmbio viabilizado pelo rotary international. 2012. Disponível em: <https://acervo-digital.espm.br/semin%c3%a1rio%20inicia%c3%a7%c3%a3o%20cient%c3%adfica%20espm/2012/379205.pdf/>>. Acesso em 05 abril, 2023.
- DALMOLIN, I. S. *et al.* Intercâmbio acadêmico cultural internacional: uma experiência de crescimento pessoal e científico. *Relato de experiência*. *Rev. Bras. Enferm.* 66 (3), 2013.
- DECI, E. L.; RYAN, R. M. *Intrinsic motivation and self-determination in human behavior*. New York: Plenum. 1985.
- DECI E. L.; RYAN R. M. Overview of self-determination theory: an organismic dialectical perspective. In: Deci EL, Ryan RM. (Orgs.). *Handbook of self-determination research*. New York: University of Rochester Press, 2002, p. 3-36.
- DURAN, J. C. *Política Cultural e Economia da Cultura*. Edições Sesc SP., 2013.
- Educa Mais Brasil (2022). Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/206622/2/Psicologia%20do%20Turismo%20-%20Livro.pdf/>>. Acesso em 04 abril, 2023.
- FARIAS, M. F.; SONAGLIO, K. E. Perspectivas multi, pluri, inter e transdisciplinar no Turismo. *Revista Ibero-americano de Turismo, Pene*, v. 3, n, 1, p. 71-85.
- FERREIRA NETO, T. *Intercambio Cultural: A relevância e contribuição para o estudante universitário*, 2009. Disponível em: <<https://www2.uepg.br/turismo/wp-content/uploads/sites/21/2022/07/thiago-ferreira-neto.pdf>> Acesso em: 25 mar. 2023.
- GIARETTA, M. J. *Turismo da juventude*. São Paulo: Manole, 2003.
- GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4ª ed. São Paulo, Atlas, 2002.
- GOMES, D. S.; MOTA, K. M.; PERINOTTO, A. R. C. *Pedagogical Tourism. A Tool For Heritage Education: The Point Of View Of History Teachers In A State School In Parnaíba (Piauí, Brazil)* (2012). Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/turismo/article/viewFile/25326/17713/>>
- KLENOSKY, D.B.; GITELSON, R.E. Travel agents' destination recommendations. *Annals of Tourism Research*, 25, 661-674, 1998.
- KOTLER, Philip. *Princípios de marketing*. São Paulo: Prentice Hall, 2000.

- MESSA, W. C. Empreendedorismo. 2011. Disponível em:
<http://proedu.rnp.br/bitstream/handle/123456789/691/Empreendedorismo_COR_CAPA_ficha_ISBN_20120808.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 01 maio 2023.
- MOLINA, S. O. Pós-Turismo. Caderno Virtual de Turismo. vol. 3, nº 4, 2003.
- RYAN, R. M.; DECI, E. L. Self-determination theory and the facilitation of intrinsic motivation, social development, and well-being. *American Psychologist*, 55(1), 68–78. 2000.
- PELIZZER, H. A. Turismo de Negócios: Qualidade na Gestão de Viagens Empresariais. 2ª edição atualizada. São Paulo: Senac, 2014.
- PIRES, P. dos S. Dimensões do Ecoturismo. São Paulo: SENAC, 2002.
- SOUZA, N. V. D. O. *et al.* Atividade de extensão: estratégia para o intercâmbio de conhecimento entre os alunos de enfermagem. *Escola Anna Nery R. Enfermagem*, 11(2): 307-12, 2007. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ean/a/vQQVRphq9WRXjy9snzM3Kmz/?format=pdf&lang=pt>
- SANTOS, B. D. S.; ALMEIDA FILHO, N. D. (2008). A universidade no século XXI: para uma universidade nova, Coimbra, Almedina, 2008.
- SANTOS, S. R. *et al.* Turismo e intercâmbio: Contribuições para a formação discente nos cursos de graduação das instituições de ensino superior de São Luís, Maranhão. *Cultur: Revista de Cultura e Turismo*, v. 8, p. 57-85, 2014.
- SOUZA, T. R. Lazer E Turismo: Reflexões Sobre Suas Interfaces - UFMG, 2010. Disponível em: https://www.ucs.br/ucs/eventos/seminarios_semintur/semin_tur_6/arquivos/11/Lazer%20e%20Turismo%20Reflexoes%20Sobre%20Suas%20Interfaces.pdf> Acesso em 26 abril, 2023.
- TADINI, R. F.; MELQUIADES, T. Fundamentos do Turismo. Vol. 1. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2010.
- Ministério do Turismo. Turismo Cultural: Orientações Básicas. / Ministério Do Turismo, Secretaria Nacional De Políticas De Turismo, Departamento De Estruturação, Articulação E Ordenamento Turístico, Coordenação-Geral De Segmentação. – 3. Ed.- Brasília, 2010. Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/centrais-de-conteudo-/publicacoes/segmentacao-do-turismo/turismo-cultural-orientacoes-basicas.pdf>> Acesso em 10 abril, 2023.
- UNESCO - Países com mais alunos estudando fora. 2023. Disponível em:
<<https://www.universidadedointercambio.com/estudo-mostra-que-88-mil-brasileiros-estudam-fora-saiba-quais-sao-os-paises-com-mais-intercambistas/#:~:text=O%20Brasil%20aparece%20em%2010,China%3A%201.101.086>>
- UNESCO– United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization. Disponível em <<Http://Www.Unesco.Org/New/En/>>. Acesso em 05 maio 2023.
- VASCONCELOS, J. A. Turismo de Estudos e Intercâmbio. VASCONCELOS, Juliana Alves, 2014. Disponível em: < <https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/1036/317%20-%20Juliana%20Vasconcellos.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> Acesso em 05, mai. 2023.
- WTO - World Tourism Organization. Barômetro Da Organização Mundial Do Turismo. Madri: Wto, 2007 v.5, v.2, p.11, Jun. 2007. Disponível em:
https://www.researchgate.net/publication/270535389_Turismo_de_intercambio_perfis_dos_intercambistas_motivacoes_e_contribuicoes_da_experiencia_internacional> Acesso em 27 maio 2023.